

Alguns motivos para justificar o revigoramento da cadeia produtiva do arroz em Goiás

Carlos Magri Ferreira
Tamillys Cientely de Leles Albernaz Luz
Analistas da Embrapa Arroz e Feijão

Pesquisa realizada na região metropolitana de Goiânia em janeiro do corrente ano pela Embrapa e Universidade Federal de Goiás, com apoio do Conselho Regional de Engenharia e Agronomia – CREA-GO, Empresa Júnior da UFG- CIPPAL e da Camil Alimentos, revelou que o goianoense continua apreciando o prato mais tradicional no Brasil, arroz com feijão. A surpresa com o resultado se justifica pelo fato de que nos últimos anos predominam notícias alarmando que o consumo desses alimentos está em declínio.

As justificativas apresentadas para explicar a redução de consumo se apoiam nas mudanças sociais e econômicas ocorridas na sociedade. Mudanças que tiveram reflexos no comportamento da população, inclusive nos hábitos alimentares. Por exemplo, aumentou o número de refeições feitas fora do domicílio, a busca por praticidade e economia de tempo de preparo das refeições. A consequência da conjunção desses elementos foi o aumento do consumo de produtos ultraprocessados, semi-prontos, de alto valor energético, ricos em açúcar, sódio e gorduras. Esse padrão alimentar é responsável, em parte, pelo aumento da incidência na população, inclusive em crianças e adolescentes, de doenças como hipertensão arterial, diabetes mellitus tipo 2 e obesidade.

A questão da saúde pública é um aspecto que tem preocupado governo e setores produtivos da iniciativa privada. O primeiro pelos investimentos que têm que realizar para atender a população e outro pela perda de produtividade. Além disso, por diversas razões, saúde, estilo de vida ou simplesmente visando bons hábitos alimentares, parte da população tem procurado alimentar-se com produtos que se destacam pelas suas propriedades funcionais e nutricionais. Certamente o arroz se encaixa nesses alimentos.

Quando se fala de arroz em Goiás é bom lembrar que em 1975



Foto Sebastião Araújo

produziu 9% da produção brasileira (separando a produção do Estado do Tocantins), sendo o principal Estado produtor. Na safra 2007/2008 produziu 125 mil toneladas, correspondente a 1,0% da produção nacional. Fazendo um cálculo pressupondo que em Goiás tem consumo médio semelhante ao consumo brasileiro amplamente divulgado e considerado de 43 kg/habitante/ano de arroz polido, a produção de 2017 seria suficiente para atender a demanda da população goiana por um mês. Os 11 meses até a safra seguinte depende de arroz produzido em outras regiões. Portanto, as empresas goianas que embalam arroz necessitam dessa importação. Ressalta-se que mercado atacadista de arroz em Goiás tem uma característica interessante, as empresas aqui instaladas possuem marcas comerciais consolidadas e competitivas com empresas de fora do Estado.

Diante do exposto fica a pergunta, é possível Goiás voltar a produzir arroz competindo com os produtos de outras regiões? A resposta deve ser dividida em três partes; social, agrônoma e econômica. No aspecto social não paira dúvidas, a sociedade sai ganhando pelos benefícios advindos à saúde, disposição de alimentos básicos às classes de menor renda, segurança alimentar, e, com a renda dos empregos gerados, os trabalhadores teriam melhores condições de vida, além de fortalecer o espírito de cidadania na sociedade. Quanto à economia, além de incrementar os negócios das empresas já instala-

das, poderão surgir novas empresas, gerando demandas por mão de obra, infraestrutura, diferentes matérias primas, novos negócios, pois o arroz e seus subprodutos podem ser utilizados como matéria prima processada para a elaboração de outros produtos, gerando impos-

tos. Goiás tem condições de solos e clima que permitem o cultivo do arroz. A tecnologia disponível, em termos de cultivares e manejo da cultura, pode ser aplicada, garantindo bons resultados agrônômicos e qualidade dos grãos. Porém, com a desaceleração da orizicultura, formou-se uma lacuna para inserir o arroz com os sistemas predominantes de produção de commodities, principalmente soja e milho. A opção dos produtores pela produção dessas commodities deve-se à maior facilidade para obtenção de financiamento e facilidade de comercializar a produção com trades. A comercialização do arroz, devido a características dos grãos e das indústrias que adquirem o produto, é mais dificultada. Esses pontos explicam porque a soja e milho e outros produtos são mais atraentes para os produtores. Esses são os principais entraves para a retomada e desenvolvimento da cadeia produtiva do arroz em Goiás. Evidentemente, à medida que a produção de arroz for crescendo, outras questões como adequação da infraestrutura disponível para armazenamento e secagem também terão que ser revistas.

Diante desses problemas, como tornar o cultivo de arroz competi-

vo com outros produtos? O primeiro passo é colocar os segmentos produtivos e indústria para dialogar e verificar as possibilidades de ir ampliando os negócios paulatinamente. Isso é possível, como exemplo, vejamos o caso de Mato Grosso.

Mato Grosso em 2005 enfrentava uma crise na produção de arroz, que estava levando as indústrias instaladas no estado a fecharem suas atividades por falta de matéria prima. Os empresários iniciaram um trabalho, junto aos produtores, com apoio da Embrapa e a empresa estadual de pesquisa e extensão a Empaer-MT, para revitalizar a cadeia produtiva do arroz. O trabalho foi bem sucedido, como mostra um estudo realizado visando analisar a participação de marcas de arroz no mercado varejista do Mato Grosso, verificou-se que 87% do espaço ocupado nas gôndolas era ocupado por marcas locais (envasadas no estado). Portanto, a iniciativa fortaleceu a economia do estado, à medida que as indústrias continuaram suas operações gerando emprego e renda, o agronegócio do estado tem o arroz como uma opção econômica e a cadeia produtiva encontra-se em condições de atender a demandas de estados deficitários, como Goiás. A orizicultura no Estado do Tocantins também está em franco processo de desenvolvimento, com tendência de aumentar sua participação no mercado de Goiás.

A questão é como iniciar esse processo? Como não existem muitos orizicultores, nem mesmo orga-

nização que os representem, a iniciativa deve partir da indústria. Mas há necessidade de ter um elemento catalisador. Neste caso sugere-se que seja um agente público ou uma cooperativa para promover conversas entre representações do setor agrícola produtivo, por exemplo, Federação da Agricultura e Pecuária de Goiás - FAEG, e representações das indústrias, por exemplo, Federação das Indústrias de Goiás - FIEG, com suporte de instituições de pesquisa e extensão rural.

Outra ação que poderia ser realizada em Goiás decorre como desdobramento da pesquisa realizada com consumidores no início do ano. Não obstante os resultados positivos favoráveis ao desejo dos consumidores em manter o consumo do arroz e feijão em bom nível, constatou-se que existem muitas dúvidas sobre os benefícios e eventuais problemas decorrentes do consumo desses alimentos. Para sanar essas dúvidas foi feita uma parceria entre Bolsinha de Mercadorias, CIPPAL, Embrapa e Faculdade de Nutrição da UFG. Onde esse último fará estudos e irá preparar um documento que será divulgado para subsidiar os consumidores.

Outro produto dessa parceria será a elaboração de uma proposta de treinamento para merendeiras das escolas públicas e extensionistas da EMATER-GO, para divulgar nos municípios goianos os benefícios do consumo do arroz e feijão. Essa iniciativa, além das instituições citadas, conta com apoio do CREA-GO. A valorização do consumo do arroz e feijão é uma ação que vai ao encontro de políticas públicas relacionadas com saúde, agrícolas e outras. A execução dessa proposta depende de encontrar instituições e recursos financeiros para viabilizar os treinamentos e publicações de peças publicitárias customizadas, abordando pontos críticos ou percepções equivocadas, ou reforçando pontos positivos de aspectos nutricionais e funcionais diagnosticados na pesquisa. Estamos negociando para realizar esse trabalho em todo o país. Se conseguirmos executar, Goiás será pioneiro desse projeto no Brasil.